

O mundo contemporâneo e o compromisso de psicólogos com a definição de uma nova estética da vida social

Magali Cecili Surjus Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, MCS. O mundo contemporâneo e o compromisso de psicólogos com a definição de uma nova estética da vida social. SILVEIRA, AF., *et al.*, org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 35-43. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O mundo contemporâneo e o compromisso de psicólogos com a definição de uma nova estética da vida social

*Magali Cecili Surjus Pereira*¹

Cercados pelos temas da globalização, melhoria da qualidade de vida, padrões internacionais de qualidade, modernização, fim da história e fim do trabalho, dentre outros se é tentado a centralizar essa temática na forma como vem prescrita, ou seja como acompanhar este processo. Sem dúvida, é preciso realizar tal empreendimento sob pena de alijar-se “do que está ao corrente”, acompanhando o movimento de constituição de novas representações sociais, que vão sendo engendradas nas interações cotidianas que são atravessadas por estas questões.

Os encontros científicos, os congressos, os debates e as conversas da vida cotidiana, dos diferentes profissionais, refletem a adesão aos temas em voga.. A “ordem do dia” parece estabelecida; sem pretender perturbá-la, mas lembrando a nossa capacidade, ao menos teórica, de “recusar” o que está posto, é preciso, então, atentar para os significados da constituição deste sentimento de “pertença global”. Erikson (1971) já havia apontado para a importância do desenvolvimento e manutenção deste sentimento de pertencimento na vida dos indivíduos. De fato para o exercício da plena cidadania é necessário que esta relação de interiorização do social ocorra, pois que ela compõe o próprio processo de formação do “eu”. Mas este processo de interiorização do social deve dar-se num contexto de justiça social, sendo, para tanto, fundamental, o envolvimento da capacidade reflexiva do ser psicológico. Permitindo que o indivíduo seja capaz de examinar a qualidade ou o jogo das relações presentes na vida cotidiana.

Para tanto é preciso considerar questões que ligam a nação brasileira às sociedades latino-americanas e como tal possui uma história de formação que não pode ser esquecida. “As Veias Abertas da América Latina” retratadas por Galeano (1986) continuam a derramar sangue, desesperanças, vidas amarguradas, dilaceradas e injustiçadas. Há poucos qualificativos positivos para a vida da grande maioria dos indivíduos latino-americanos. Esta constatação, simples e evidente, deveria, no mínimo, frear as consciências, que se otimizam com os sonhos sonhados pelos

¹ Profa. Dra. do Departamento de Psicologia Social e Institucional/UDEL.

conquistadores destas terras. Se se quer sonhar em torno de uma nova vida moderna, definindo aí uma nova estética, que este sonho seja realizado com o conjunto de indivíduos identificados com as condições de vida de uma realidade multicultural, possibilitando a constituição de uma realidade sintonizada com o querer e o fazer dos povos latinos.

Para fazer frente a estes desafios sociais, é preciso aprender a aguçar os sentidos, reconhecendo o conjunto de alteridades, que transitam pela vida quotidiana, representando diferentes temporalidades sociais, constituídas em diferentes espaços psicossociais. Ou ainda é preciso considerar que o imaginário social orienta o campo perceptivo, de modo que a ação está envolvida de forma umbilical com as representações sociais gestadas na relação com o mundo. Como possibilidade de empreender a tarefa de reflexão da condição social é razoável considerar que a retomada do passado não se prende as ideias românticas ou conservadoras, mas, fundamentalmente, para se resgatar nele a esperança, como ressaltaram Adorno e Horkheimer (1985) em sua *Dialética do Esclarecimento*.

O psicólogo é pouco preparado, academicamente, ou pela vida, para reconhecer alteridades, na medida em que resulta, como ser psicologicamente constituído, do processo de homogeneização da sociedade ocidental moderna. O processo de formação do psicólogo enfatiza, via de regra, a lapidação de um olhar voltado para a interpretação da vida íntima, aprimorando uma atividade que é fundamentalmente problematizadora da vida humana. Pouco destaque é dado na formação do psicólogo, à sua capacidade de desenvolver ou produzir “bons dados e argumentação sólida”, como enfatizou Carrara (1996). O que se quer destacar é a necessidade do desenvolvimento de uma capacidade argumentativa, na linha do que propõe Arendt (1983) ao definir o homo-ação, cuja essência é a capacidade de dialogar, participar de embates cujo resultado leve ao melhor argumento. O caráter fundamental do homem é assim político, antes que social.

Mas o que se passa na psicologia, via de regra, é que a constituição do conhecimento ocorre num contexto que, como apontou Sennett (1995), está marcado por “...sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada..”. (p.30). Esta condição social emerge, para este autor, com a queda do Antigo Regime e com o surgimento da nova cultura urbana, secular e capitalista. Neste contexto formula-se a própria

tragédia da profissão psicólogo aprisionada aos problemas que permeiam as atividades inscritas no mundo contemporâneo, na esfera da intimidade. De forma que é preciso gerar espaços psicossociais para a própria psicologia, para que ela possa romper com os velhos estigmas profissionais ligados ao trabalho não só da psicologia clínica, organizacional e escolar, mas ao da análise clínica, ampliando seus espaços de formação profissional.

A formação do psicólogo social, como analista social, como alternativa, ou ampliação da formação tradicional, somente pode ser consolidada através de uma relação desta área de conhecimento, com questões, cuja significação social seja indiscutível. De tal forma que se imponha para o psicólogo questões éticas, morais e políticas presentes na vida cotidiana dos diferentes grupos sociais, que compõe a realidade social brasileira. Obviamente, acredita-se na possibilidade, sempre presente, no processo de produção intelectual de elaboração de boas teorias psicológicas, mas não é destes episódios de produção que uma ciência, ou um fazer pode ser sustentado. A vida social não pode ser submetida a esta condição de produção. Os intelectuais das ciências humanas e sociais devem estar engajados com a busca de soluções, alternativas e estratégias para os permanentes e inegáveis conflitos da vida humana. Ou estar envolvido com a práxis, que remete exatamente para estas questões, que definem a estética da vida humana.

Consequentemente, estar-se-ia envolvido com a produção de um conhecimento que reconhece a heterogeneidade do mundo social, que supere a tradição das grandes narrativas, da visão masculina, branca e eurocêntrica do mundo como enfatizou Silva (1996). Aprender a lançar um olhar atento e desprovido de um etnocentrismo leva a indagação sobre o papel do cientista ou intelectual no mundo moderno. A ênfase na razão, na ciência e na descoberta de um sujeito individual como fundamento do pensamento moderno restringiu a capacidade de ver e pensar o mundo. Neste sentido Foucault (1982) destaca que

nós temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa desse modo de individualismo que nos tem sido imposto a séculos(p.785).

Abib (1994) ressalta que o dilema originado do processo de reflexão do saber científico, que se quer ampliado, evidencia a fragilidade dos

critérios para se saber se o que se faz é ou não ciência. Isto poderia, para ele, ser resolvido

se o homem ocidental começar a se identificar mais com a ideia de conhecimento do que com a ideia de ciência, não só seus horizontes serão alargados, mas também conquistariam uma terapêutica para enfrentar a dúvida dilacerante que o acomete quando não sabe se o que faz e reflete é ou não ciência (p.12).

Assim, é preciso ampliar a racionalidade ou modificar a subjetividade para que se possam incluir facetas da vida que foram negadas pelo processo civilizatório. Então, talvez, deva-se fazê-lo através de um real reconhecimento ou relacionamento com a diversidade cultural, social e política que compõe a vida social neste final de século. Desnecessário relacionar problemas e teorias psicológicas relativas à vida íntima do homem contemporâneo, mas necessário dizer que a obra tomou conta do criador e que o psicólogo tem dificuldades de visualizar e anunciar interpretações compreensivas de interconexões entre as esferas da vida, caracterizadas em suas dimensões sociais, privada, pública e da intimidade.

A compreensão de dificuldades, que marcam a modernidade no trato de questões tão fundamentais como a ética, a política, a liberdade e a justiça social, pode ser auxiliada pela localização das atividades humanas, nas esferas da vida pública e privada e as relações que se estabelecem entre elas. As atividades humanas sofreram, ao longo da história, deslocamentos de uma esfera para a outra, com significativas alterações de sentido. Arendt (1983) evidencia algumas das transformações ocorridas, principalmente quando se instituiu no nível das relações a esfera social e as implicações para a condição humana dessas modificações. Sennett (1995) acrescenta ao conjunto das esferas da vida a esfera da intimidade como a esfera mais destacada na modernidade. O processo de internacionalização das relações requer novas leituras sobre a localização e os significados das atividades humanas, na medida em que, conseqüentemente, ocorrem novas formas de organização das atividades e modificações de seus significados.

A instituição da esfera da intimidade como primor rousseauiano de espaço de proteção do homem da sociedade, arma para o homem contemporâneo uma grande peça. Define um suposto espaço de proteção que passa a exercer um aprisionamento a uma vida intimizada. As teorias psicológicas nascidas em meio ao fortalecimento destas ideias ressaltam a

esfera da intimidade em detrimento das outras esferas da vida. Arendt (1983) alertou sobre os perigos da crença depositada na constituição da esfera da intimidade como um substituto da esfera privada, pois o enfraquecimento desta última está em estreita correspondência com o declínio da esfera pública, como evidencia também Sennett (1995).

Para ele, as modificações ocorridas na esfera da vida pública introduz a formação de algumas crenças sobre a personalidade do homem moderno. A experiência da vida pública se realiza através do silêncio, em oposição a um passado onde o estar em público estava diretamente associado à possibilidade de exposição. Estranhos não se falam, desenvolve-se o direito a ser deixado em paz. O conhecimento do outro é agora baseado na observação, não é mais produzido no ou pelo trato social; a ação dialógica não está autorizada socialmente. É desta forma que o vestuário adquire, em determinados momentos, o poder de ocultar o sujeito que não se quer revelar na vida pública. Tanto Sennett (1995) como Ribeiro (1997) destacam como consequência o processo de teatralização da vida pública.

Ribeiro (1997) analisa a facilidade com que os indivíduos outorgam aos outros suas vidas, vivendo preferentemente “por procuração”. Passear, dançar, caminhar, sentir o frescor das matas, o ar puro da montanha, para exemplificar, podem ser realizados através da simples ação de apertar o botão da “telinha”. Há, ainda, outras formas de se banalizar vidas e, há exemplos abundantes nos diferentes segmentos sociais; é possível fazer indivíduos estudarem música, sem que os mesmos possam desenvolver senso ou gosto musical, de qualquer tipo. De modo geral estas condições associam-se a contextos de vida em que a referência não está em estreita correspondência com a própria vida do indivíduo.

A era moderna, de acordo com Arendt (1983), assistiu à submersão das esferas pública e privada e social. Além disto, ou em razão do desenvolvimento de atividades que se inscrevem ou se deslocam para o plano do social, observa-se que grande parte das ações empreendidas no nível da esfera pública ocorre em função da consolidação, ou manutenção de ações inscritas na esfera privada. De outro lado, a defesa da esfera privada sobreviveu como a única preocupação comum dos homens. Questões domésticas saem do âmbito da esfera privada e se transferem para a esfera pública. A esfera privada é enriquecida com o moderno individualismo. A banalização da vida pública implica de modo inequívoco

o fortalecimento da vida privada, de forma que, como catástrofe o ser moderno é o ser banalizado, esvaziado, enfraquecido e empobrecido em suas ações mais essenciais, ou seja na sua relação com o outro.

É este ser que deve ser agora globalizado, um ser que tem outorgado o seu viver, que vive por procuração como definiu Ribeiro (1997). Que lega à tecnologia e à mídia suas sensações, suas emoções e o seu fazer. Faz isto quando acomoda-se na frente da TV e vê o exercício físico do outro, a comida que o outro faz, os prazeres do encontro com o mar, o frescor da montanha e a suavidade dos campos, através da vida vivida pelo outro que ele vê ou observa. Mas, não interage, desenvolve emoções, reações, novas interpretações.

Vive-se plenamente um modelo de sociedade que foi definida como sócio-operacional por Marcuse (1982). Essa que gera o ser unidimensional, que como agravante, para este autor, é também o ser de pensamento unidimensional. Um ser incapaz de realizar a recusa, de se indignar diante do que vai sendo engendrado pela sociedade de racional idade tecnológica. Arendt (1983) evidencia que o mundo comum, pertencente e engendrado pela coletividade, acaba quando é visto sob uma única perspectiva. Neste sentido, é possível enfatizar que a riqueza da vida humana está diretamente associada à diversidade das formas de viver, pensar, interpretar e sentir a vida.

Neste sentido, e retomando a necessidade de ampliar as bases de formação do psicólogo, destacam-se aqui alguns dados provenientes do trabalho desenvolvido junto a grupos minoritários, numa perspectiva interacionista-simbólica. O referencial teórico inscrito nesta perspectiva parece conter, de acordo com Farr (1995), uma teoria do sujeito psicológico que dê conta da função do sujeito na causalidade de sua ação. Isto é realizado através da formulação de conceitos que articulam a compreensão da mente na interface dos elementos da ordem da vida orgânica e de elementos da ordem da cultura, de modo a permitir que o psicólogo produza conhecimentos que levem em conta, de fato, as dimensões do homem de produto e produtor da vida social. Mead (1934), filósofo e psicólogo social, desenvolveu uma teoria comunicativa da ação social que auxilia nesta tarefa de construção de um saber que se pode dizer psicossocial.

A convivência com grupos minoritários leva a questionamentos e aprendizagens os mais diversos. Aprender, por exemplo, que, de fato, entre povos tradicionais, o tempo não é o das horas, minutos, segundos ou mesmo

milésimos de segundo, como nas Olimpíadas, mas é o tempo do acontecimento do nascimento, da morte, da chegada ou da saída de alguém, ou da colheita. Isto pode ser salutar para se repensar o ethos do homem urbano tão finamente descrito por Vinicius de Moraes no poema “Pois é pra que?” onde diz em seu início:

O automóvel corre, a lembrança morre
O suor escorre e molha a calçada
A verdade na rua, a verdade no povo
A mulher toda nua, mas nada de novo
A revolta latente, que ninguém vê
E nem sabe se sente
Pois é pra que?

Ou, ainda, perceber que o processo de desenvolvimento de crianças pertencentes a estas culturas tradicionais está marcado por uma relação com o outro (pais, tios e irmãos, dentre outros), cuja qualidade pode ser anunciada por uma interação com um adulto que não é aquele que define o modelo, que impinge às crianças etapas de desenvolvimento. Ele é, antes de tudo, aquele que cuida, que está presente o tempo todo, numa relação permeada por um tempo e uma plasticidade que desafiam qualquer pedagogia ou psicologia moderna. A criança define, por exemplo, o passo e o compasso de um caminhar, vai se apropriando de um fazer que está presente na ação dos adultos e que não é teórico, é concreto, faz parte do conjunto de ações, que definem a vida da sociedade a que pertence.

De outro lado, e relacionado à própria cultura ocidental, é possível destacar a importância de se compreender, por exemplo, as estratégias desenvolvidas por crianças que escapam das trágicas estatísticas de mortalidade, criminalidade e drogas. A aproximação destes contextos sociais pode constituir-se num espaço de elaboração de conhecimentos, implicados na vida diária, que não transitam, ou pertencem à vida daqueles que vivem nos meios acadêmicos. O desvelamento da vida vivida por atores sociais anônimos deve, por força de sua originalidade projetar sobre as concepções aburguesadas e elitizadas da ciência psicológica, um repensar mitigador dessas suas características. Engendrando, no mínimo, conflitos morais, éticos e interpretativos dos quais emerja um fazer psicológico, que

numa crítica a si mesmo rompa com a dicotomia instalada entre o pensar e o fazer e o querer e o realizar.

Analisar a vida, nas cidades, pode também, ampliar o olhar que reconhece e significa a vida humana, apoiado por um saber, que obriga o intelectual a reconhecer de fato as variáveis históricas, sociais e políticas, imbricadas na vida dos sujeitos psicologicamente considerados. Apontar, como o faz Mattos (1998), que o carro é o sujeito da cidade remete para a produção de conhecimentos das implicações disso para o homem. Sennett (1995) instala a necessidade de compreensão da vida na cidade evidenciando as sensações físicas (seu adormecimento) e o espaço da cidade. Tenta-se exemplificar aqui formas, que bem podem ser outras, de aguçar o olhar, um olhar alimentado por indagações que remetem para o entendimento dos significados sociais presentes nos mais variados contextos e seus consequentes sentidos pessoais.

Assim, talvez se possa compreender: as praças esvaziadas, o shopping apinhado, a sala de visita sempre à espera de alguém, que nem sempre vem, o aparelho televisivo, que sai da sala e ocupa todas as dependências da casa, o telefone que vai para a beira da cama, para o banheiro. A casa ou o apartamento com 3-4 ou 5 suítes, promovendo o isolamento das pessoas em nome de um conforto. Os escritórios ou repartições públicas de trabalho, que expõem, como em vitrines, as pessoas, estabelecendo uma visibilidade do ser que supostamente, como apontou Sennett (1995), implicaria numa maior sociabilidade, mas que de fato produz isolamento, como defesa do ser exposto de forma ininterrupta.

Estas e outras análises poderiam ser inseridas no imaginário social, realizando a tarefa de subsidiar o processo de gestação de uma recusa do que vai sendo posto. O psicólogo deve antecipar ou elaborar análises psicossociais, capazes de promover o desenvolvimento de indivíduos mais plenamente desenvolvidos, capazes de aumentar a visibilidade das relações imbricadas no seu fazer, no seu querer. A realização de trabalhos em diferentes contextos sociais traz para a linha de frente desafios reais e pertinentes à consolidação de uma fazer aliado a princípios éticos e políticos de defesa de uma sociedade mais justa. O desafio é multifacetado e as respostas devem ser buscadas através de diálogos interdisciplinares e inter-institucionais.

Referências bibliográficas

- ABIB, José A. D. A Ideia de ciência e a identidade do homem ocidental. *Jornal do XXII Congresso Brasileiro de Homeopatia*. Curitiba, nº 4, p.4-5, abr.1994.
- ADORNO, T.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- CARRARA, Kester. Psicologia e a Construção da Cidadania. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.16 (1), p.12-17, 1996.
- ERIKSON, Eric. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- FARR, Robert. Representações sociais: a teoria e sua história. In: Guareschi, P. e Jovechelovitch, S (orgs). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 31-59.
- FOUCAULT, Michael. *The Subject and Power Critical Inquiry*, v. 8, p. 777-795, 1982.
- GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MATTOS, Olgaria. *O Urbano*. Diálogos Impertinentes. São Paulo: TV-PUC; Folha de São Paulo, 1998.
- MEAD, George H. *Mind, Self and Society*. Chicago: Press University, 1934.
- RIBEIRO, Renato, J. Entenda sua época. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1997, p. 5-8. Caderno Mais.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Tomaz, T. *As Transformações na Política da Pedagógica e na Pedagogia da Política*. Petrópolis: Vozes, 1996.